

APRESENTAÇÃO

Este é um número especial da Revista Literatura em Debate, cujo tema radica em torno de questões relativas ao espaço (auto)biográfico, gêneros da “literatura biográfica” e também assuntos como história, memória, silêncio e tempo. A elaboração deste dossiê se justifica por dois motivos básicos. Em primeiro lugar, porque recebemos, para a chamada da revista de número 5, inúmeros ensaios sobre o assunto. Para manter o equilíbrio em relação ao número de artigos publicados entre uma revista e outra, optamos pela elaboração de mais um exemplar. Em segundo lugar, porque os artigos aceitos para publicação apresentavam excelente qualidade e se agregavam em torno de eixos temáticos comuns. Os textos abordam assuntos diversos ligados ao tema e são da autoria de pesquisadores ligados às mais diversas universidades brasileiras: UFMG, UFOP, USP, UFRGS, UFSM e URI.

O primeiro artigo é de Fernanda Trein. Considerando o livro *Nas tuas mãos*, de Inês Pedrosa, a autora do ensaio avalia a estrutura do romance, o qual é diferenciado, já que se constitui de três gêneros textuais não literários: diário, álbum, carta. O artigo centra-se basicamente nas cartas, buscando analisar a capacidade representativa delas na obra, partindo do estudo sobre o romance e do subgênero romance-epistolar.

Enéias Farias Tavares estuda o segundo volume do romance gráfico *Maus*, de Art Spiegelman. O livro caracteriza ficcional e “cartunescamente” as experiências nos campos de concentração nazistas e também problematiza a veracidade e a total transparência dos relatos dos sobreviventes. O autor do artigo busca refletir sobre a caracterização das memórias que Vladeck, pai do autor-personagem, Artie, tem do período nazista, durante os meses em que viveu como prisioneiro em Auschwitz, e perceber como, dentro do livro, foi elaborado o processo de análise do trauma vivenciado pelo próprio Artie diante dos relatos de seu pai.

Os quatro artigos seguintes dedicam sua atenção para o livro *Olga*, de Fernando Morais. Anelise Ferreira Riva, Daisy César e Michele Savaris, tomando como referência o conceito de Memória Cultural de Jan Assmann, discutem a repercussão da vida da protagonista e sua relação com a constituição do texto biográfico e da literatura, “levando em conta o silenciamento e o acréscimo de informações devido à intenção ideológica do autor”. Alexandre Nell Schmidtke, por sua vez, analisa essa biografia de Morais e o romance-documentário *Elza, a Garota*, de Sérgio Rodrigues, abordando a questão do trauma e da memória. Assmann e LaCapra foram os principais autores cujos

textos sustentaram sua argumentação. Janaína de Azevedo Baladão desenvolve argumento similar. Por fim, Isabel Cristina Brettas Duarte faz um cotejo entre Olga e O menino do pijama listrado, do irlandês John Boyle, explorando questões como trauma, repressão bem como as relações entre história e memória.

Semelhante à abordagem desses autores, têm-se os artigos de Rejane Seitenfuss Gehlen e Larissa Fostinone Locoselli. A primeira analisa as relações entre literatura, história e memória, tomando como base a autobiografia *A guerra de Clara*, de Clara Kramer, uma sobrevivente dos horrores da Segunda Guerra Mundial cuja vida foi radicalmente transformada a partir da vivência do episódio traumático. A autora do ensaio argumenta que, neste livro, realidade e ficção coexistem no universo diegético, algo que viabiliza um resgate da identidade das vítimas daquele episódio. Locoselli, por seu turno, investiga questões relativas à memória no texto *Libro de navíos y borrascas*, do argentino Daniel Moyano. O romance narra a viagem do personagem Rolando rumo ao exílio, com saída do navio Cristóforo Colombo e chegada de desembarque em Barcelona. É nesse trajeto que o narrador vai contando seu passado, caracterizado por experiências traumáticas.

Gustavo Silveira Ribeiro faz um estudo do livro *Infância*, de Graciliano Ramos, buscando compreender a sua sofisticada estrutura narrativa. Segundo Ribeiro, desse texto é possível depreender duas visadas distintas em relação ao passado: uma ligada à percepção do protagonista quando criança e outra, quando adulto. Daniel Furtado Simões da Silva, por sua vez, estuda a obra de Caio Fernando Abreu, procurando extrair dela o que ele chama de “teatralidade”, ou seja, a articulação entre experiências pessoais do escritor gaúcho e seus textos. Também preocupada com a estrutura narrativa, Bruna Fontes Ferraz aborda a obra literária *Palomar*, de Italo Calvino. A autora faz uma leitura do estilo fragmentado do “romance” do escritor italiano, mas também detecta nesse estilo um exercício de construção biográfica.

Na seção de resenhas, contamos com textos de Adilson Barbosa, Fábio Martins Moreira e Wagner Coriolano de Abreu. O primeiro nos apresenta o livro *O outro* (*Der Andere*), do escritor alemão Bernhard Schlink. O romance conta a história de Bengt, um aposentado viúvo que, sozinho, busca se adaptar aos novos hábitos em função da perda da esposa, até que um dia recebe uma carta que muda sua vida completamente, já que nela constam indícios de uma possível infidelidade por parte da mulher então falecida. Fábio Martins Moreira introduz o livro de contos *13 Cascaes*, que conta com a participação de treze autores. A indicação ao número não é por acaso; tem uma

simbologia mística interessante: 13 Cascaes é uma homenagem ao centenário de nascimento de Franklin Cascaes comemorado em 2008 e aborda a questão cultural açoriana, em particular, o folclore e as histórias de bruxas, lendas e superstições, o que contribui para a denominação “ilha da magia”, atribuída à capital do estado brasileiro de Santa Catarina, Florianópolis. Já Wagner Coriolano de Abreu comenta o livro de poemas Plural da ausência, de João Claudio Arendt, texto esse que coloca o leitor frente à fase romântica e moderna da literatura brasileira, “preparando o terreno da poética que lida com temas recorrentes da condição humana: o vazio como niilismo, a morte como inexorável, o desejo como o encontro dos corpos”.

Na última parte da revista – Convite à criação –, temos um texto da escritora e historiadora catarinense Urda Alice Klueger. Urda nos conta, num relato emocionante, o impacto da poesia de Mário Benedetti em sua vida e o cumprimento da promessa de escrever sobre isso dias depois da sua estada em Frederico Westphalen, onde conhecera uruguaio também admiradores da obra de Benedetti.

Mais uma vez, gostaríamos de manifestar nosso sincero agradecimento pelos artigos disponibilizados e pela contribuição do corpo de pareceristas em selecioná-los. Por suas características, os trabalhos aqui apresentados vêm ao encontro da qualificação de nossa Revista, renovando e atualizando o debate sobre assuntos inerentes à área da literatura, em suas interfaces com o espaço (auto) biográfico.

Lizandro Carlos Calegari